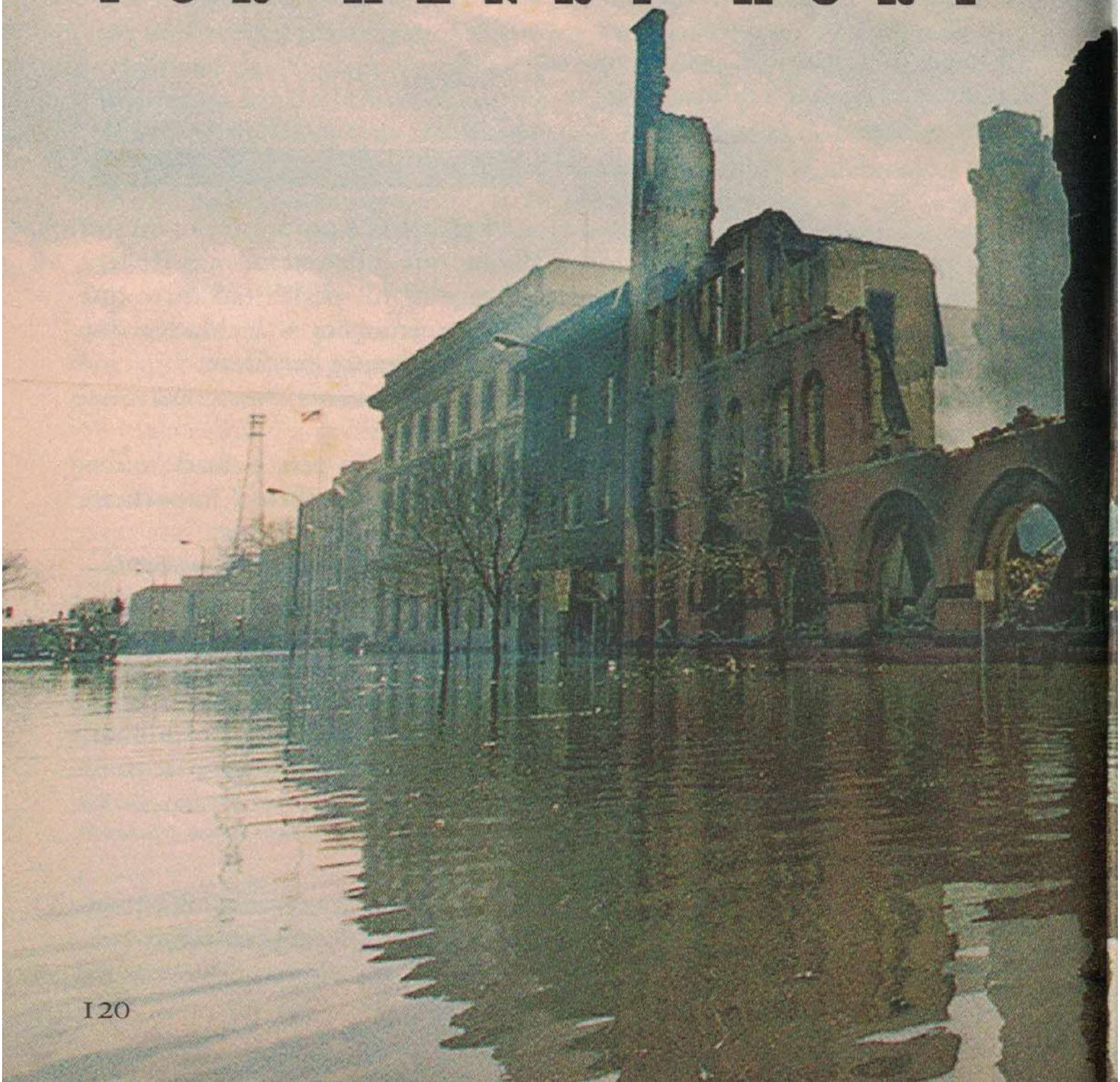
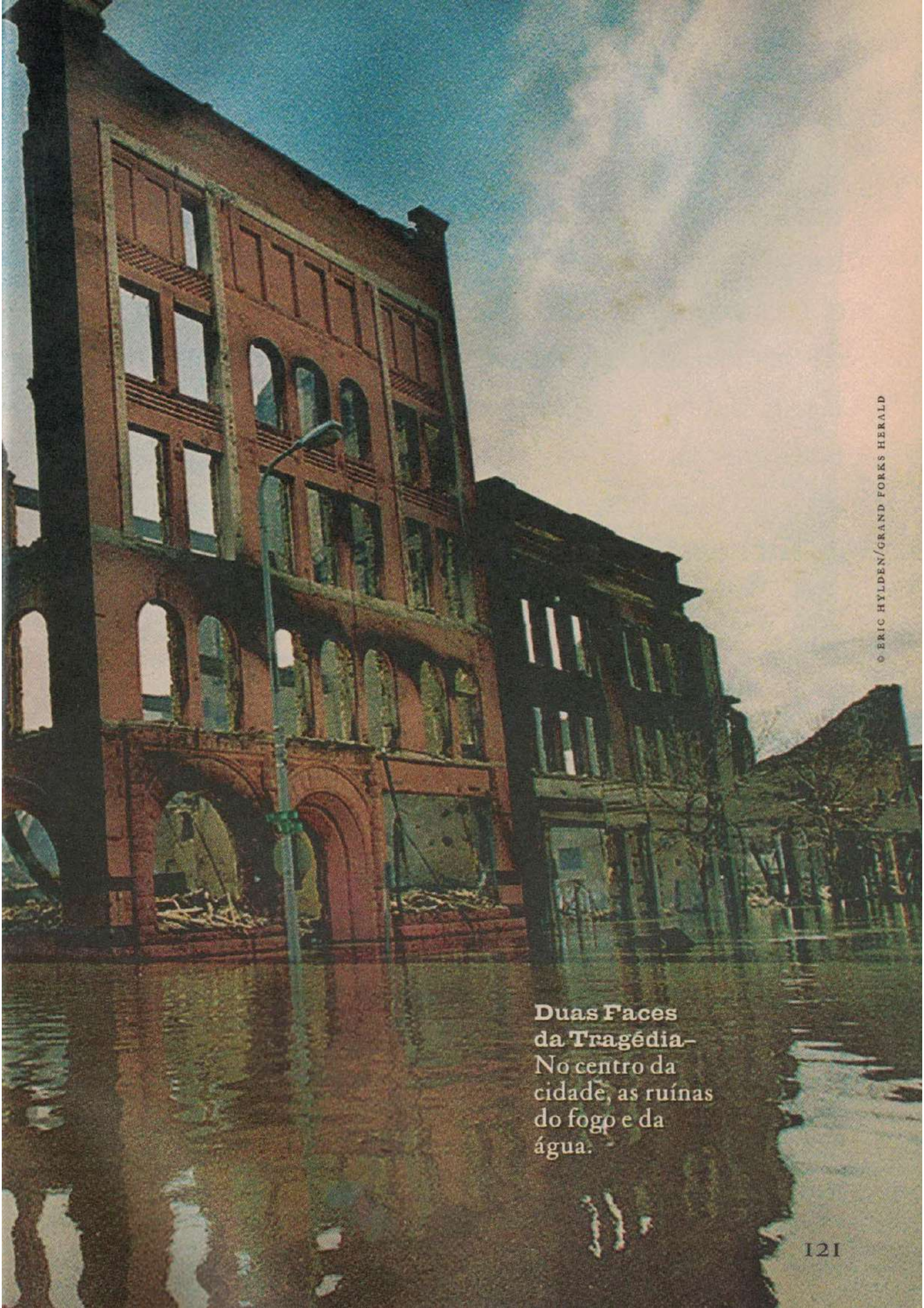


ESPECIAL

Uma cidade submersa

P O R H E N R Y H U R T





**Duas Faces
da Tragédia—**
No centro da
cidade, as ruínas
do fogo e da
água.

Quando o sol da primavera lançou os raios quentes sobre a paisagem gelada, desencadeou uma série nefasta de eventos. A neve e o gelo do longo e frio inverno se derreteram, alimentando e avolumando o Rio Vermelho, que forma a divisa entre Dakota do Norte e Minnesota, nos EUA. O rio cresceu e espreadu-se, engolindo tudo em sua passagem. Casa após casa e cidade após cidade foram tragadas pelas águas geladas. A enchente do século havia chegado.

Um erro de cálculo fatal

COM VELOCIDADE, o modelo compacto prateado de Pam Wagner subiu a desolada estrada de terra coberta de gelo. Ela acabara de pegar a filha Tori, 3 anos, na casa da *baby-sitter*. Subitamente os faróis iluminaram as escuras e revoltas águas do Riacho Whiskey, que refluiu em razão da enchente do Rio Vermelho cerca de três quilômetros adiante. Não conseguindo parar sobre o gelo, o carro de Pam derrapou, caiu no riacho e seguiu como um hidroplano por uns 20 metros antes de prender-se numa depressão a cerca de 1,5 metro de profundidade.

Enquanto o carro afundava, Pam, 29 anos, agarrou a filhinha, mas não conseguiu abrir a porta. Furiosa-

mente baixou a janela do lado do motorista.

Pequena e ágil, pôde esgueirar-se pela abertura e sair para a água gelada sem soltar a filha. Pam nadou pelas águas turvas carregando Tori.

Cerca de 1,5 quilômetro à frente, na pequena cidade de Kent, Minnesota, Ron Wagner esperava em casa a mulher e a filha. Pam havia telefonado por volta das 17 horas, da empresa onde trabalhava como secretária, em Fargo, do outro lado do Rio Vermelho, em Dakota do Norte. Disse que estava indo apanhar Tori e planejava passar no mercado antes de seguir para casa.

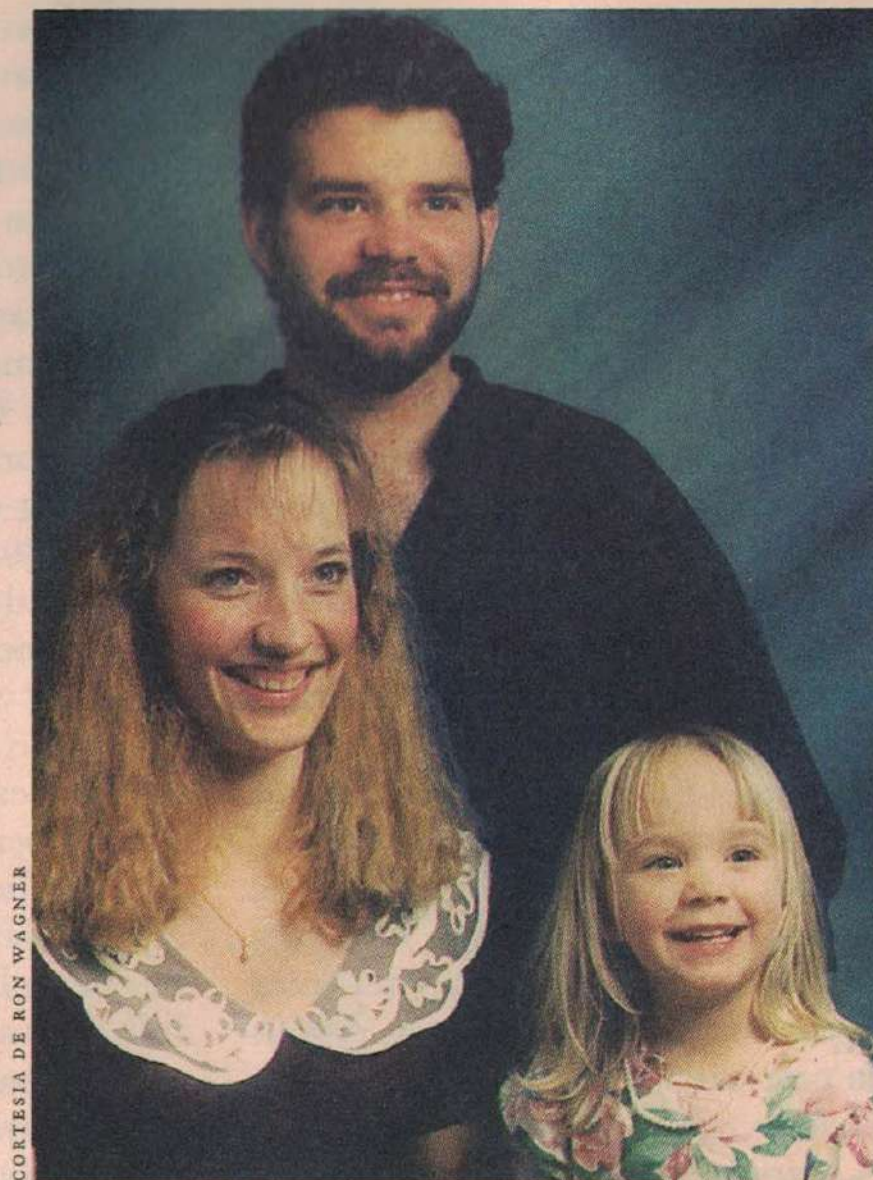
Ron lhe pediu que tomasse cuidado com a enchente. Duas noites antes, outra tempestade havia despejado mais neve. Ele aconselhou Pam a

pegar um desvio por estradas mais altas. Isso a afastaria bastante da rota habitual – mas a levaria em segurança para casa.

Dois dias antes, alimentadas pela neve se derretendo e pelas chuvas da primavera, as águas do Rio Vermelho, que correm para norte ao longo da divisa dos estados, ultrapassaram seu recorde histórico de elevação alguns quilômetros ao sul de Kent. Pequenos afluentes como o Whiskey se tornaram escoadouros da fúria do rio, cujas águas invadiram os riachos, alagando campos e estradas numa extensão que ninguém se lembrava de ter visto.

A orientação de Ron fora correta – o desvio teria mantido Pam fora de perigo. Ela, no entanto, tomou uma estrada de terra que em condições normais pouparia metade do tempo de viagem. Nessa noite, porém, levou-a direto para o Whiskey.

Paradas à beira da água, Pam e Tori vestiam roupas leves – não usavam chapéu ou luvas. Não houve tempo para que Pam pegasse o casaco no assento. A temperatura já estava abaixo de zero. Era pouco provável que passasse algum carro e o celular que Pam tinha no bolso estava encharcado e não funcionava.



CORTESIA DE RON WAGNER

Pam, Ron e Tori Wagner– Ao cortar caminho, Pam rumou para a tragédia.

A noite era fria, mas pelo menos clara. A somente uns 400 metros de distância, podiam-se ver as luzes de uma fazenda onde moravam Carol e Ron Krump, amigos dos Wagners.

Separando-as deles havia apenas o Whiskey, que em períodos de estiagem era tão pequeno que uma criança podia atravessá-lo de um pulo. Embora encharcadas e geladas, ela e Tori com certeza conseguiriam encontrar um meio de atravessar o riacho até o terreno da fa-

zenda. Pam escançou a garotinha em seus quadris e começou a atravessar penosamente a escuridão em direção às luzes.

Subindo além dos 14 metros

FOI NO DIA 8 de abril de 1997, no final do pior inverno que atingiu a região nos últimos cem anos, que Pam Wagner tomou o caminho errado. Desde novembro, oito nevascas haviam despejado uma camada de neve de três metros de espessura no sul do vale do Rio Vermelho.

Em abril o Rio Vermelho havia aumentado tremendamente em volume e força enquanto corria na direção das cidades ribeirinhas de Fargo, Grand Forks e Pembina, no estado de Dakota do Norte, para então atravessar a fronteira canadense, passando pelas cidades da província de Manitoba e seguindo para Winnipeg.

Durante os meses de verão o Rio Vermelho é dócil. Fluindo à velocidade de cerca de 1,5 km/h, normalmente tem largura de menos de 100 metros e, em muitos pontos, sua profundidade não é muito superior a um metro. Entretanto, no auge da cheia, pode chegar a vários quilômetros de largura.

Em 1997 uma quantidade extraordinária de neve caiu no vale do rio. Esse grande acúmulo levou os meteorologistas a preverem em fevereiro que, quando o gelo e a neve derretidos se juntassem às chuvas da primavera, o resultado poderia ser uma enchente como nunca antes vista.

Na primavera, a elevação das águas fluviais nas duas cidades faz parte do ritmo da natureza tanto quanto o florescimento das plantas. Ao longo dos anos, em sua dança anual com a calamidade, as pessoas acostumaram-se a lutar com o rio. Normalmente elas vencem.

A pior enchente de Grand Forks tinha ocorrido cem anos antes – em 1897. Na ocasião, as águas alcançaram 15,30 metros de profundidade, destruindo casas e edifícios. Duas outras enchentes devastadoras atingiram a região em 1950 e 1979, quando o rio subiu a 14,87 metros. A cada vez, as pessoas reforçavam os diques permanentes como proteção contra a inundação seguinte.

No início de abril de 1997, centenas de milhões de litros de água turbilhonavam na direção norte, seguindo para o vale do Rio Vermelho. A população das cidades ribeirinhas lutava em meio à nevasca para elevar a altura dos diques com sacos de areia. Em muitos lugares as águas congelavam-se nos campos, nas ruas e nos esgotos. Mesmo assim, era quase inimaginável que atingissem a marca dos 15 metros alcançada cem anos antes.

A confirmação chegou quando no domingo, 13 de abril, o Serviço Nacional de Meteorologia anunciou que, de acordo com as previsões, o rio atingiria 14,93 metros em Grand Forks.

As prefeituras das cidades ribeirinhas conclamaram os cidadãos a empreender a exaustiva tarefa de elevar

a altura dos diques, a maioria deles projetada para proteger contra um nível de 15,24 metros. Mas em 16 de abril as águas em Grand Forks ultrapassaram os 14,63 metros – e o rio continuava subindo. A previsão já havia sido elevada para 15,24 metros. Agora, previa-se um nível de 15,39 metros.

Quando a notícia se espalhou, milhares de habitantes entraram em alvoroço. Não havia um só adulto que não compreendesse o efeito catastrófico para seus lares se a água transpusesse os diques.

Liderando a luta para proteger a cidade de 50 mil habitantes achava-se a prefeita Pat Owens, mulher de 56 anos e 1,52 metro de altura. Antes de ser eleita para a função, em junho de 1996, ela trabalhara no gabinete do prefeito de Grand Forks por 32 anos, começando como secretária e chegando a assessora do prefeito. Agora, mesmo alguns de seus admiradores duvidavam se ela estaria à altura da tarefa.

Chegara a hora do teste definitivo de sua determinação. Desde meados de março, voluntários vinham trabalhando dia e noite para encher e empilhar sacos de areia. Na garagem pública da cidade – apelidada de *Central de Sacos de*

Areia –, as escavadeiras alimentavam as máquinas que podiam encher 12 sacos de cada vez.

Alunos do curso secundário vinham ajudar. Enquanto a água subia, muitos deles trabalhavam lado a

O perigo das águas

O RIO VERMELHO, com 885 quilômetros, é o maior rio americano que corre para o norte. Em abril de 1997, o nível de suas águas elevou-se com as tempestades da primavera misturadas a um volume recorde de neve derretida.



lado com os pais, enchendo e arrastando sacos de areia.

Engenheiros civis, policiais, bombeiros e equipes de salvamento também lutavam para sustentar as fortificações. A eles se juntaram o Corpo

de Engenharia do Exército e a Guarda Nacional, assim como homens, mulheres e equipamentos da Base Aérea de Grand Forks.

Descoberta dolorosa

PAM WAGNER não chegou em casa na hora costumeira, por isso Ron saiu para procurá-la pelas estradas. Não obtendo sucesso, entrou em contato com o escritório do xerife, que enviou homens para procurar a mulher e a criança desaparecidas.

Não houve notícias naquela noite. Na manhã seguinte Ron sentou-se ao lado de Stan Wieser, pároco da família, enquanto esperava ansiosamente alguma palavra do grupo de busca. Padre Stan e ele conversaram sobre muitos eventos da vida dos Wagners. Mas um fato marcante não foi mencionado, embora o casal tivesse recentemente compartilhado a boa notícia com o padre: estavam esperando outro filho para o outono.

Pam, mulher pequena, com cabelos longos e louros, trabalhara duramente em vários empregos para cursar a faculdade. A determinação de Pam, assim como seu coração afeituoso, havia conquistado o respeito de seus vizinhos.

Agora a comunidade se empenhava para encontrar mãe e filha. O xerife Thomas Matejka e sua equipe, com equipamento severamente testado pela neve, pelo gelo e pelas enchentes, deram início a uma busca mais metódica na área. Mas, enquanto o dia se arrastava, ninguém

encontrava pista das duas. O padre e Ron sabiam que a temperatura caíra a -12°C na noite anterior. A espera tornou-se insuportável, então decidiram sair à procura delas.

Padre Stan recorda: “Não sei por quê, mas ao passarmos pela pequena estrada, entramos nela. Quando chegamos ao topo da subida, pouco antes do Whiskey, paramos. Comecei a olhar ao redor e algo brilhando me chamou a atenção.”

Saíram do carro para olhar mais de perto. A água estava batendo numa pequena mancha prateada que cintilava no riacho.

– É o carro dela! – gritou Ron.

Imediatamente eles comunicaram o achado ao xerife. Minutos depois, Matejka e seus homens, acompanhados por unidades da Guarda Nacional, estavam às margens do Whiskey. Lançaram então um bote. Mas quando alcançaram o carro tudo o que encontraram foram alguns comestíveis e o casaco de Pam.

Pouco depois um deles descobriu pegadas subindo uma ribanceira do rio a partir da margem. A equipe seguiu a pista, que acompanhava o curso do Whiskey na direção da fazenda dos Krumps.

Os passos indicavam que Pam havia parado e andado de um lado para o outro. Era o ponto mais próximo da casa dos Krumps – menos de 200 metros. Parecia que Pam estivera tentando encontrar uma forma de atravessar o riacho volumoso. Ela deve ter até gritado. Os Krumps mais tarde se lembraram

de ter ouvido o cão latir naquela noite.

Nesse ponto os sapatos de Tori caíram. Pam, aparentemente ainda tentando encontrar um meio de cruzar o Whiskey, continuou a andar, carregando a filha. A pouca distância dali, encontraram o corpo de Pam de bruços, congelado no chão. Perto dos joelhos da mãe jazia Tori, sem chapéu e sapatos, deitada de costas, os olhos azuis arregalados, como se admirasse o céu estrelado.

“Nunca vou entender como pôde caminhar tanto carregando a menina”, diz o xerife Matejka.

Para a equipe de busca, esse foi o momento mais emocionante de sua longa luta contra o tempo rigoroso.

“Nosso principal dever era não perder uma só vida”, lamenta o xerife. “No final, falhamos.”

No último minuto

CERCA DE 180 quilômetros ao norte, enquanto as águas continuavam a subir, a população de Grand Forks trabalhava furiosamente para elevar as barragens. Máquinas escavadoras movimentavam-se pela área para cobrir os diques com barro. A maior parte do trabalho, porém, era feita à mão – os homens carregando um saco de 14 a 23 quilos de cada vez.

Os moradores revezavam-se em turnos de 24 horas para verificar os diques, procurando vazamentos, usando *walkie-talkies* para informar sobre qualquer brecha aos postos de

comando locais. As escolas secundárias de Grand Forks organizaram equipes de estudantes para ajudar na operação dos sacos de areia e algumas cidades próximas também enviaram alunos para ajudar.

Enquanto o nível da água continuava a subir, os moradores começavam a se perguntar se finalmente a enchente do rio iria, de fato, vencê-los.

Jolene Grovum tinha ainda uma razão bem particular para preocupar-se. Em meio à crise das águas subindo, ela esperava a chegada de um bebê e o médico previra problemas. Na quarta-feira, 16 de abril, ela soube que o bebê estava fora da posição. E a data prevista para o nascimento era dali a apenas seis dias.

Uma vez que o trabalho de parto poderia começar a qualquer momento, o médico insistiu que Jolene permanecesse em Grand Forks e não retornasse a casa, em East Grand Forks, do outro lado do rio cheio. O doutor temia que, no caso de a ponte alagar, Jolene ficasse sem acesso ao hospital.

Nervosa e apreensiva, Jolene se instalou em um hotel com a filha de 3 anos, Leah, enquanto o marido, Scott, ia trabalhar nos diques de East Grand Forks.

Os Grovums haviam comprado a

Sairam do carro para olhar mais de perto. A água batia em algo que brilhava. “É o carro dela!”, Ron gritou.

casa cinco anos antes em um bairro de East Grand Forks chamado Point, situado na bifurcação do rio.

Antes que as águas começassem a subir, os Grovums pensaram em fazer seguro contra enchentes. Mas a medida pareceu desnecessária a Scott, que então optou por não fazê-lo – como a maior parte dos vizinhos.

Scott, motorista de caminhão, e dezenas de outras pessoas vinham carregando sacos de areia noite e dia para tentar proteger a comunidade.

Excetuando-se as poucas horas que passou do outro lado do rio, com Jolene e Leah, Scott trabalhou quinta e sexta-feira jogando sacos de areia. Era um trabalho duro, extenuante. O esforço continuou e, quando chegou o fim de semana, Scott estava exausto. Mas não podia parar. Estava determinado a salvar sua casa. “Todo o nosso esforço e todas as nossas economias estavam naquela casa”, diz Scott.

Uma vez que a meteorologia previra um nível de elevação do rio que os moradores pensavam poder controlar, Scott e Jolene Grovum, assim como centenas de outras pessoas, não levaram seus objetos para lugares mais altos. Em vez disso, concentraram-se em empilhar sacos de areia nos diques, acreditando que poderiam conter o rio.

De vez em quando um vazamento surgia no dique e logo o filete se

transformava em jorro, abrindo um buraco na barragem de sacos de areia. Mas os trabalhadores conseguiam tapá-lo rapidamente com um “dique em anel” – pequena formação circular de sacos criada para tapar brechas.

Na tarde da sexta-feira a água começou a brotar dos esgotos e a passar por cima do topo dos diques nas duas cidades-irmãs, Grand Forks e



© BROOKS KRAFT/SYGMA

Esperança— Um morador decidiu ficar, cercando a casa com dique de sacos de areia.

East Grand Forks, do outro lado do rio. Mais tarde a população de outras partes do Point foi evacuada por helicópteros. Scott se sentia aliviado por ter deixado Jolene a salvo antes da evacuação.

O dique em que ele estava trabalhando ajudava a manter aberta a única ponte que ligava Point ao resto de East Grand Forks. Na mesma tarde esse dique começou a vaziar, a

água passando sobre o topo e invadindo tudo.

No outro lado do rio que transbordava, Jolene ouvia partes de notícias sobre a queda de barragens em seu bairro e foi ficando cada vez mais nervosa. Scott ligou para ela do caminhão. Quando Jolene ouviu sua voz, caiu em pranto.

– Scott, saia daí agora! – implorou. – Saia já!



Segundos após o telefonema, o dique em que Scott estava trabalhando começou a desmoronar. As águas jorravam sobre o topo e começavam a inundar a entrada para a ponte. Nos últimos minutos, Scott atravessou a ponte, pondo-se em segurança. À sua volta, o barulho das sirenes. O dique desabara completamente.

Nessa noite ordenou-se a total evacuação da cidade.

Sirenes da destruição

GRAND FORKS, a cidade da prefeita Pat Owens, começava a sentir toda a força de um rio descontrolado. Embora o tempo estivesse claro e seco, a água do Rio Vermelho tinha um tom extraordinário – horrenda cor de chocolate, contaminada pelos dejetos do sistema de esgotos arreventado, toneladas de produtos químicos agrícolas de tanques rompidos e milhares de litros de produtos petrolíferos.

Aninhado em uma curva do rio, o bairro de Lincoln Drive era um dos que estavam ameaçados. A comunidade surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, quando alguns veteranos se mudaram para lá, enchendo a área com suas crianças. O centro do distrito era a Escola Elementar Lincoln.

Martha Hoghaug e seu falecido marido Maurice haviam se estabelecido na comunidade depois que ele voltara da guerra. Martha se tornou professora de música na escola.

Agora uma pequenina e elegante senhora de 85 anos, ela recorda a coe-

são que a escola trouxe a toda a comunidade: “Era uma extensão do que tentávamos ensinar a nossas crianças em casa”, comenta. “Para as crianças, a escola era parte da família.”

Na quinta-feira, 17 de abril de 1997, os alunos da escola conversavam animadamente. O rio permanecia acima de 15,24 metros – mais de 30 centímetros além do que previra a meteorologia alguns dias antes.

Até então, os esforços contínuos da *Central de Sacos de Areia* estavam valendo a pena. Embora frustrados pelo fato de as previsões terem errado por tamanha diferença, os engenheiros municipais acreditavam que os voluntários poderiam controlar a enchente. Assim sendo, naquela tarde de quinta-feira, ainda que a água continuasse a subir, a confiança reinava.

Então, às 12h50, as sirenes da defesa civil dispararam. Na escola, no bairro e por toda a cidade a notícia se espalhou: grandes vazamentos haviam surgido nos diques de Lincoln Drive.

Com o alarme, os pais correram para a escola a fim de pegar os filhos. Estranhamente, apesar do aviso, as ruas ainda permaneciam secas e o sol brilhava no céu azul. Os alunos que ficaram preparavam embalagens com cereais e frutas secas para os que trabalhavam nos diques. Enquanto a comunidade lutava para se defender, até os mais jovens tinham um papel a desempenhar.

Ao cair da noite daquela quinta-feira, 17 de abril, a população de am-

bas as margens do Rio Vermelho encheu e carregou sacos de areia até seus corpos ficarem entorpecidos. A maioria acreditava que, como eles e seus antepassados haviam feito anteriormente, poderia conseguir pelo menos um empate em sua luta contra o rio.

O rio invade tudo

ERA 1H20 da madrugada de sexta-feira quando o telefone da prefeita Pat Owens tocou.

– Pat, é melhor você vir imediatamente para cá – disse um dos engenheiros. – Temos de tomar algumas decisões.

Preocupada, a prefeita seguiu diretamente para o Centro de Operações de Emergência. Esperavam-na o diretor do centro, engenheiros municipais e um membro do Corpo de Engenharia do Exército, que juntos vinham planejando a batalha para salvar a cidade. Pat Owens olhou para o rosto de cada um – todos marcados pelo cansaço – e naquele momento sua prioridade tornou-se clara: evacuar a população.

Em primeiro lugar, enviou ordens de evacuação obrigatória para a maior parte da cidade. Enquanto as sirenes da defesa civil apitavam, bombeiros, policiais e tropas da Guarda Nacional percorriam as ruas em veículos militares gigantescos. Com megafones, ordenavam que as pessoas abandonassem as casas.

Mas do outro lado do rio, em Minnesota, o pai da prefeita, Willard Guerard, recusava-se a deixar sua

casa por causa da enchente do rio. Ao longo dos dias de calamidade, Pat Owens pensava constantemente nele. O agricultor de 93 anos morava sozinho na fazenda. Não, dizia ele à filha, não abandonaria sua propriedade. “Preciso tomar conta dos gatos e do cachorro”, teimava.

Pat Owens insistira que o pai permitisse que os vizinhos o levassem para um lugar mais alto, mas ele se recusava, dizendo que resistiria. Ela concordou em deixá-lo ficar.

Na sexta-feira, 18 de abril, um oceano arrastou os diques de Grand Forks. Trabalhadores com equipamentos pesados escavavam parques e campos de golfe, onde quer que encontrassem barro para construir diques temporários. Quando as águas, subindo mais, avançavam com força ainda maior contra as barragens, alguns moradores direcionaram seus esforços para salvar a própria casa, em vez de toda a comunidade.

Naquela manhã em Lincoln Drive, Thomas Alderson, 87 anos, e a mulher Bernice reuniam seus pertences. Moravam ali há mais de 50 anos e tinham visto quatro filhos e três netos irem para a Escola Lincoln.

Estavam se apressando para deixar a casa – mas só depois que Tom metodicamente levasse muitos de

Com megafones, bombeiros, policiais e a Guarda Nacional ordenavam que as pessoas abandonassem as casas.

seus preciosos livros do porão para o andar superior. “Tom descia”, conta Bernice, “e, depois de algum tempo sem dar sinal de vida, eu ia até lá e o encontrava absorto, lendo um de seus favoritos.”

Cerca de 1,5 quilômetro rio acima, Martha Hoghaug vagava pela casa que ela e o marido tinham construído. Situada a 150 metros do Rio Vermelho, tinha uma vista majestosa das imediações do rio.

Martha e dois de seus vizinhos, como muitas outras famílias, haviam construído fortificações especiais em torno de suas casas – com 80 mil sacos de areia. Quando a água da enchente começou a transpor os

diques, Martha percebeu que as fortificações eram inúteis.

Ela havia deixado um caminhão pronto para o caso de a situação chegar a esse ponto. Nele pôs os objetos de que necessitaria para abrigar-se em algum outro lugar. Com as si-

renes apitando, ela vagava pela casa, retendo na memória lembranças queridas, enquanto se despedia dos bens que seu pai havia trazido quando vier da Noruega em 1905.

“A casa era meu casulo”, diz Martha. “Ela abrigava todos os meus sentimentos, todo o meu amor.”

Mulher franzina e de olhos vivos, ela finalmente saiu e sentou-se na entrada da casa. O barulho dos pássa-

ros e o brilho do sol eram enganadores. Os grandes caminhões da Guarda Nacional moviam-se pesadamente pelo local, com seus alto-falantes conclamando o povo a fugir. As sirenes continuavam apitando. Pela primeira vez desde que a enchente começara, Martha Hoghaug chorou.

A meteorologia continuava tentando acertar as previsões. Duas vezes naquele dia elevou as previsões do nível do rio – 30,48 centímetros de cada vez, até chegar finalmente a 16,45 metros. Às 19 horas de sexta-feira, o rio atingiu 16,04 metros, aumentando assim cerca de 45 centímetros em 18 horas. Estava mais de um metro acima da previsão da meteorologia de apenas cinco dias antes. Essa diferença foi crítica. De sexta-feira para sábado, as comunidades ao longo de ambas as margens do rio tornaram-se lagos imensos que não paravam de crescer. A inundação invadiu as áreas centrais das duas cidades. Uma água escura e espessa brotava dos esgotos como gêiseres e dissolvia o topo dos diques de barro de emergência. “Aquela água estava tão poluída que poderia corroer nossa pele. Tão fria que poderia provocar hipotermia. Choques elétricos eram um perigo constante”, recorda a prefeita Pat Owens.

A água subia com tal velocidade que algumas pessoas abandonaram seus veículos nas ruas e fugiram em caminhões da prefeitura. Os hospitais e as casas de repouso foram evacuados. As famílias se dispersavam, refugiando-se nos abrigos.

As sirenes continuavam apitando.

Pela primeira vez desde o início da enchente, Martha chorou.

Ao meio-dia de sábado East Grand Forks se encontrava submersa e o centro comercial de Grand Forks estava mais de um metro de baixo d'água. Os sistemas de água e esgoto da cidade entraram em colapso. O Rio Vermelho triunfara.

Fogo e água

SEXTA-FEIRA À NOITE, no centro de Grand Forks, o jornal *Herald*, com 118 anos de existência, estava começando a impressão de sua edição. Em 1993 o *Herald* reformara sua histórica sede. Poucos jornais possuíam equipamentos eletrônicos e computadores tão avançados.

O jornal havia registrado todas as grandes enchentes desde o povoamento do território – inclusive a maior delas, a de 1897. Desde o início de fevereiro, o jornal vinha se preparando para cobrir a próxima calamidade. “É como um importante evento esportivo”, diz Jim Durkin, editor-gerente do *Herald* na época. “Você sabe que está chegando, mas não sabe exatamente o que vai acontecer.”

Para o caso de o desastre ocorrer, o editor Mike Jacobs e outros funcionários haviam levado sacos de dormir para o escritório na sexta-feira à noite, quando preparavam a edição do dia seguinte. O ruído dos helicópteros podia ser ouvido a distância. Os diques tinham começado a ruir em vários pontos da cidade e a água estava subindo.

A edição que começou a sair logo

após a meia-noite anunciava em manchete:

DIQUES ROMPIDOS, ESPERANÇAS DESTRUÍDAS

Na primeira página havia uma foto aérea do bairro de Lincoln Drive. Algumas casas já estavam imersas em quase 2,5 metros de água.

Enquanto o jornal rodava nas prensas do subsolo, aos 45 minutos da madrugada de sábado chegou um comunicado da polícia avisando que o prédio do *Herald* provavelmente estaria inundado ao amanhecer. Mike Jacobs se reuniu com o editor Michael Maidenberg. Chegaram à conclusão de que deveriam tentar completar a impressão dos 40 mil exemplares antes de fechar.

“Imprimimos até a água começar a espirrar das tampas dos bueiros nas ruas à nossa volta”, diz Dave Aarvig, diretor de produção em serviço naquela noite.

Até aquele momento apenas 9.500 exemplares haviam sido impressos, mas decidiram desligar as máquinas. Os caminhões de distribuição – carregados ou não – foram despachados para que estivessem em locais altos quando a água chegasse. Dois deles não conseguiram. Perderam-se na enchente.

Um pouco depois das duas da madrugada, Aarvig e o diretor-assisten-

Os diques começaram a ruir em vários pontos da cidade e a água continuava a subir.

te de impressão, Paul Bruggeman, desligaram a energia do edifício. O relógio elétrico da sala de impressão parou às 2h20. Jacobs já saíra com mais de mil exemplares do jornal em seu veículo com tração nas quatro rodas para distribuí-los nos abrigos.

Na manhã de sábado o pessoal do *Herald* estava disperso – sem telefones, sem computadores, sem impressoras. Como qualquer pessoa na cidade arruinada, eles já se encontravam abrigados ou ainda tentavam salvar a família da enchente.

PRÓXIMO MÊS

DECISÃO EM MAR REVOLTO

Pete Goss teria de retornar
ao meio da tormenta para
ajudar o amigo.

MAIS

OS URSOS DO VERÃO

Quando chegou, ela era apenas um filhote, uma bola felpuda de pêlo preto. Mas foi ficando conosco e tornou-se uma urso mãe feroz e ao mesmo tempo incrivelmente gentil.

É POSSÍVEL EVITAR OS RESFRIADOS?

O tratamento certo é o segredo para sua família se manter saudável.

QUANDO OS PAIS SÃO AMBICIOSOS DEMAIS

Não negue às crianças o direito de desfrutar a infância!

INVASÃO DE DOMICÍLIO

Qual seria o critério usado na seleção das vítimas?



Usando a estação de rádio local, a KCNN, Jacobs foi ao ar naquela tarde e pediu a todos os funcionários do *Herald* que se apresentassem no prédio do diretório acadêmico da Universidade de Dakota do Norte.

— Que vamos fazer agora? — perguntou um dos primeiros funcionários a chegar.

— Vamos publicar um jornal — respondeu Jacobs.

Com o centro de Grand Forks sob quase 1,5 metro de água e mais de 40 mil pessoas desabrigadas, o único consolo era pensar que a situação não poderia ficar pior.

Mas logo após as 16 horas do sábado, de repente, piorou.

Um incêndio num sistema elétrico deflagrou-se e estava devastando um complexo comercial no centro da cidade. Era impossível aos bombeiros chegar ao local com o equipamento. E o pior é que mais de 50 pessoas que haviam ignorado as ordens de evacuação estavam agora presas em alguns dos apartamentos das proximidades. As equipes de resgate teriam de arriscar a vida para retirá-las de lá.

O bombeiro Mitch Steien, com 1,98 metro de altura e cerca de 120 quilos, descobriu que mal conseguia se manter de pé na forte correnteza. A temperatura estava abaixo de 4° C e os homens tinham de se esquivar de blocos de gelo em movimento, assim como de escrivatinhas de madeira, fichários e outros entulhos se revolvendo em meio às águas.

Embora houvesse água por toda a

parte, o fogo espalhou-se rapidamente. Os caminhões de bombeiro da cidade não eram adequados para operar na água. Um avião jogou substâncias químicas contra a propagação do fogo nos edifícios em chamas até que os caminhões fossem afinal colocados em carretas gigantes da Guarda Nacional.

Com a água bombeada das ruas inundadas, os bombeiros lutavam desesperadamente contra as chamas. Mesmo assim, o fogo se propagava e devorava outros edifícios, lançando grandes blocos de material em chamas, que os ameaçavam enquanto eles tentavam trabalhar.

Quase 12 horas se passaram antes que os bombeiros comesçassem a ter algum controle sobre as chamas e, mesmo assim, um helicóptero foi chamado para apanhar água do rio com baldes gigantescos e lançá-la sobre os escombros em brasa.

“Parecia tão inútil!”, conta a prefeita Owens. “Mas tudo o que podíamos fazer era insistir.”

Jornal da enchente

DEPOIS QUE a equipe do *Herald* fugiu do centro de Grand Forks, não havia quase nada que pudesse ser usado para escrever uma carta, quanto mais para fazer um jornal. Uma das primeiras pequenas vitórias ocorreu quando um funcionário chegou trazendo uma pilha de blocos de notas e um punhado de canetas.

Mas o *Herald* não era uma ilha. A empresa responsável pelo jornal es-

tava se empenhando para garantir que o jornal não deixasse de sair um só dia. No *Pioneer Press* de St. Paul, a cerca de 500 quilômetros de distância, um horário na madrugada era reservado para uma impressão especial que permitisse ao *Herald* ser publicado durante o período que fosse necessário.

Planejava-se lançar uma edição de 12 páginas. Utilizando a Internet e algumas linhas telefônicas disponíveis, o pessoal estabeleceu comunicação com a gráfica em St. Paul. Repórteres e fotógrafos percorriam toda a área de Grand Forks em busca de histórias e fotografias.

No início da manhã de domingo em St. Paul, uma edição do jornal saía das máquinas para ser distribuída nesse dia. Com todas as pontes que cruzavam o Rio Vermelho – de Fargo até a fronteira canadense – alagadas, aviões foram improvisados para a distribuição do jornal em ambas as margens do rio.

O diretor de circulação do *Herald*, Jim Fetsch, tinha homens e caminhões prontos para receber os aviões e distribuir os jornais, levando às pessoas notícias e imagens vitais de seus lares, seus entes queridos, seus bairros.

Brad Lizakowski, motorista de caminhão do *Herald*, conta: “Eles não podiam acreditar que o jornal estava ali e era de graça.” Isolados pela enchente, os moradores passaram a ver no *Herald* sua linha de comunicação com o mundo.

A tiragem normal do jornal era de

40 mil exemplares, mas logo se imprimiam 60 mil, depois 70 mil, chegando-se a 119 mil para atender à fome de notícias.

No domingo, 20 de abril, a equipe editorial do jornal teve de se mudar novamente para um local mais alto – uma escola primária. No dia seguinte o jornal – impresso, como seria durante semanas, em St. Paul e mandado de volta – trazia uma impressionante fotografia da parte incendiada do centro da cidade. A manchete dizia: ALÉM DE ENCHENTE, FOGO!

Pessoas perdidas

OCORAÇÃO do centro comercial de Grand Forks era agora uma pilha de entulhos queimados, erguendo-se no meio da água a cerca de 1,5 metro de profundidade. Muitos dos edifícios incendiados estavam destelhados, as janelas olhando para o vazio, os pisos destruídos, como gigantescas caixas vazias com buracos perfurados nas laterais.

Uma fumaça negra e fétida era expelida dos montes de destroços encharcados, empilhados no térreo de cada edifício. Pequenos focos de fogo continuavam a surgir nos escombros e os bombeiros exaustos procuravam extingui-los, um por um, ajudados pelo helicóptero. Onze dos principais edifícios do centro foram seriamente danificados ou destruídos por completo.

Com quase toda a Grand Forks e a East Grand Forks sob ordem de evacuação, dezenas de milhares de

pessoas subitamente desabrigadas procuravam refúgio.

O pai da prefeita Pat Owens foi retirado de sua fazenda por helicóptero, levando seu amado cão e três gatos. Agora livre de preocupações quanto à segurança dele, Pat pôde recorrer ao bom senso para guiá-la. Sua sabedoria derivava do que aprendera ajudando os pais a cultivar as plantações de cereais e batatas da família, ano após ano.

“Trabalhar o solo dá tempo para pensar”, ressalta Pat Owens. E “pensar” foi o que fez naqueles dias, demonstrando notável equilíbrio e discernimento, muitas vezes sob tremenda pressão.

Ao longo dos dias que se seguiram, Pat Owens tornou-se a voz e o espírito que conduziram os habitantes através dos piores momentos de suas vidas. “Afastem-se daquelas casas”, insistia ela pelo rádio. “Nós as reconstruiremos, seremos mais fortes e estaremos unidos.” E continuava: “O que faz de uma comunidade um lugar para se viver não são as casas. São as pessoas, e o espírito e a fé que há nessas pessoas.”

Justamente no dia anterior, Scott e Jolene Grovum e a filha estavam entre os milhares que fugiam de Grand Forks. Olhando para trás, Jolene contemplava a cidade. “O vento estava forte e uma fumaça negra subia para o céu”, diz ela. “Ninguém sabia o que ia acontecer. A essa altura esperávamos pelo pior.”

Sabendo que a criança poderia nascer a qualquer momento, Scott e



© GEORGE SCHIAVONE/GRAND FORKS HERALD

Tradição- O jornal da cidade não deixou de ser publicado um só dia.

Jolene passaram a manhã tentando obter a ficha médica de Jolene, porém o hospital já estava fechado.

Sem a ficha, os Grovums iniciaram a viagem em sentido sul, para a casa dos pais de Jolene em Moorhead, Minnesota – normalmente um trajeto de uma hora de carro. No entanto, por causa da interdição de parte da rodovia, o percurso durou duas horas e meia em estradas secundárias danificadas.

“Parecia o cortejo fúnebre mais longo do mundo”, diz Scott. “Carros e caminhões trafegavam devagar, um atrás do outro, e as pessoas simplesmente pareciam perdidas. Acho que nós também.”

Na segunda-feira de manhã,



© LAYNE KENNEDY

Protegidos Pela Intuição— Sem que o marido Scott soubesse, Jolene Grovum decidiu fazer o seguro contra enchentes.

quando estava a salvo na casa dos pais, Jolene entrou em trabalho de parto. Desorientados, os Grovums perderam-se na travessia do rio para Fargo. Um carro da polícia levou-os para o hospital. Ali Jolene deu à luz uma saudável menina, Jenna, às 20h57. Ela chegava um dia antes da data prevista.

No dia anterior, na cidade de Crookston, cerca de 40 quilômetros a sudeste de East Grand Forks, na Igreja Luterana da Trindade, onde milhares de refugiados encontraram

abrigo, o pastor Randolph Smith exortava seus ouvintes:

— Onde está Deus? Creio que Ele está exatamente no meio do Rio Vermelho, com os braços estendidos sobre o vale, cuidando de nós, amando-nos e fortalecendo-nos, enquanto combatemos a enchente.

Até ali, naquela manhã de domingo, a população podia consolar-se com a grande vitória sobre o Rio Vermelho: nem uma única vida na área de Grand Forks fora perdida para a enchente.

Embora as pessoas enchessem salões paroquiais, centros cívicos, escolas e casas de estranhos, a mais ampla acomodação era o gigantesco hangar da Base Aérea de Grand Forks. Lá o Exército de Salvação e a Cruz Vermelha Americana haviam providenciado camas, banheiros e provisões para mais de 3 mil desabrigados.

Por volta das 21 horas de domingo, o nível do furioso Rio Vermelho atingira 16,46 metros, como foi depois calculado. O nível máximo seria alcançado nas primeiras horas da manhã de terça-feira – espantosos 16,56 metros. Então, finalmente, as águas começariam a baixar e o processo de reconstrução poderia ser iniciado.

Renascimento

EM 28 DE ABRIL, seis dias após o rio ter atingido o nível máximo, um belo arco-íris surgiu no céu, emoldurando o centro de Grand Forks. Era uma promessa de esperança para a cidade destruída.

À medida que as pessoas aos poucos voltavam para seus lares, sentiam-se horrorizadas diante da eficiência com que a enchente transformara seus pertences em montes de entulhos. O edifício que fora sede do *Herald* em Grand Forks estava totalmente destruído – incinerado a tal ponto que, quando o editor Mike Jacobs foi procurar algum objeto para guardar como lembrança, não encontrou absolutamente nada.

Em milhares de lares muito pou-

co pôde ser salvo. Álbuns de recortes e de fotografias encharcados eram resgatados para serem limpos e postos a secar. Bonecas de estimação pendiam de varais. Durante as primeiras semanas de limpeza, 120 caminhões de lixo carregavam quase 3 mil toneladas de escombros por dia. Ao todo, os prejuízos em ambas as cidades montavam a mais de um bilhão de dólares. Em Grand Forks, 11 mil residências foram danificadas, enquanto em East Grand Forks menos de dez casas permaneceram intactas.

No bairro de Lincoln Drive, a casa dos Aldersons resistiu, mas Tom perdeu cerca de um quarto de seus livros amados. A Escola Elementar Lincoln sofreu danos irreparáveis. Ironicamente, isso aconteceu em 19 de abril – no dia em que completava 47 anos de inauguração, também ocorrida durante outra grande enchente.

Quando se tomou a decisão de demolir o que restava do prédio da escola, a diretora Ann Porter organizou uma cerimônia de despedida. Entre as pessoas que compareceram estavam a prefeita Pat Owens e Martha Hoghaug, que falou: “Dizer adeus dá vontade de chorar, mas este ano já nos despedimos de muitas coisas.”

Então o grupo de amigos e alunos cantou o hino da escola enquanto a bandeira dos Estados Unidos era lentamente abaixada pela última vez.

A prefeita Pat Owens, líderes da cidade e o Corpo de Engenharia do

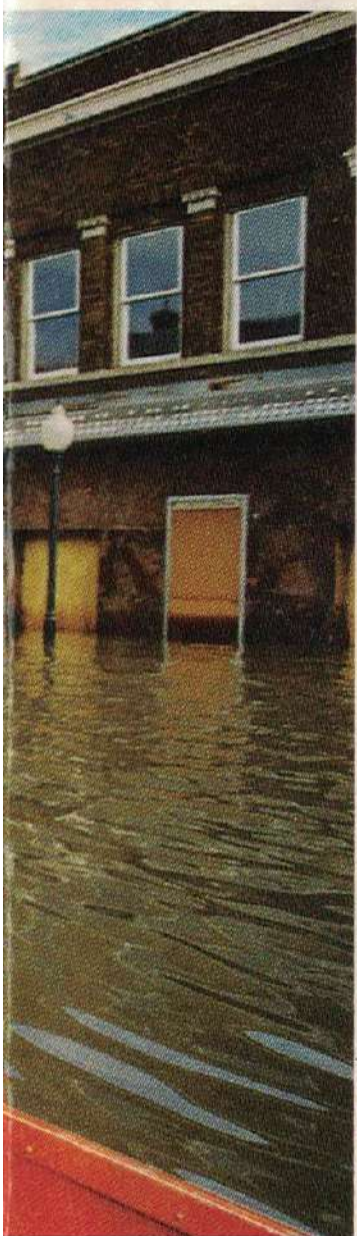


Equipe de Salvamento— Percorrendo as ruas da cidade inundada à procura de vítimas da enchente devastadora.

Exército desenvolveram um projeto para novo sistema permanente de barragens. Martha compreende a necessidade de um novo dique, mas sua casa fica entre a barragem projetada e o rio — local onde ninguém tem permissão para morar.

Martha está com os pertences que conseguiu resgatar da enchente empilhados em um apartamento. Sua situação é, talvez, mais aflitiva do que a de muitos outros.

Embora a água tenha invadido furiosamente sua casa, turbilhonando em seu interior durante dias e destruindo a maior parte do que deixara para trás, nenhum dano fundamental atingira a casa que ela e o marido haviam construído tão cuidadosamente. “Minha casa não sofreu rachaduras, não se abalou”, comenta ela, orgulhosa. Observa, então, que poderia restaurar a casa e pô-la em ordem rapidamente. Mas



© TODD KOROL/SIPA PRESS

isso não é possível.

Assim, o serviço de demolição irá fazer o que o rio não conseguiu – derrubar a casa de Martha e carregar seus destroços. Ela afirma que vai estar lá para despedir-se. Então, quando a antiga professora de música se vê de pé na sala de estar da casa condenada, seu controle sucumbe e as lágrimas brotam dos olhos. “Não imaginamos quão profundamente o coração pode ser ferido”, diz ela.

Alguns retornos foram mais alegres. Depois que o bebê nasceu, Scott Gro-

vum, que havia decidido não fazer seguro contra enchentes, retornou à pequena casa em East Grand Forks, grato por Jolene ter usado o próprio dinheiro para fazer o seguro em segredo.

– Acho que tenho uma mulher esperta – comenta Scott um pouco encabulado.

Por que Jolene decidiu fazer o seguro, ao contrário da maioria de seus vizinhos?

– As mulheres grávidas costumam saber das coisas – diz ela, sorrindo.

Em meio à devastação, as pessoas que moravam às margens do Rio Vermelho começaram a recorrer às mesmas reservas de forças que haviam levado seus pioneiros antepassados a reconstruir a vida após catástrofes semelhantes. De todas as partes do mundo chegavam alimentos, roupas e outros tipos de produtos, além de dinheiro. O Exército de Salvação e a Cruz Vermelha foram os primeiros a ajudar.

A prefeita Pat Owens continuava trabalhando tão ativamente durante a limpeza quanto o fizera quando as águas invadiram a cidade. Ao longo da crise tratara com habilidade altos funcionários do governo estadual e federal. Quando os fundos de emergência para a calamidade na região pareciam encalhados sem esperança, ela e o prefeito Stauss, de East Grand Forks, foram falar aos líderes do Congresso. Logo depois, os fundos eram liberados.

“Pat Owens se tornou líder espiritual e emocional”, diz um morador de Grand Forks. “Ela conseguia expressar o que todos sentíamos.”

O anjo de Grand Forks

NENHUM ato de caridade foi mais magnânimo e despertou maior interesse do que o de um misterioso benfeitor que veio em socorro das populações de Grand Forks e East Grand Forks. Tudo começou no dia 29 de abril. Em pronunciamento conjunto, os prefeitos das duas cidades comunicaram que um doador anônimo de-

sejava dar 2 mil dólares por família, sem perguntas, para as vítimas da enchente. Ao todo, o doador reservara 15 milhões de dólares para essa finalidade.

Uma das poucas exigências era que o “anjo”, que se sabia apenas ser mulher, permanecesse no anonimato. Seu desejo foi respeitado e milhares de famílias imediatamente receberam a ajuda.

Dennis Eggebraaten, tenente do Departamento de Polícia de Grand Forks, estava arrasado, pois a casa que possuía há 23 anos fora totalmente arruinada. “Nossa barragem foi destruída, nossas roupas se foram e depois o carro da minha mulher quebrou”, lamenta-se Eggebraaten. “É degradante ter de pedir roupas e dinheiro. Minha mulher finalmente recorreu ao Exército de Salvação, mas foi duro.”

Então, inesperadamente, os Eggebraatens receberam 2 mil dólares como ajuda. “Isso foi fundamental”, comenta ele. “Nunca esqueceremos.”

Em meados de maio a misteriosa doadora chegou a Grand Forks para ver por si mesma a destruição e encontrar-se em segredo com os dois prefeitos, que circularam com ela pelas duas cidades em uma *van*. Em seguida, partiu silenciosa-

mente. Embora a visita não tivesse anúncio oficial, o *Herald* soube da história e identificou o anjo como Joan Kroc, herdeira da fortuna da cadeia de lanchonetes McDonald's, e revelou que a Casa Ronald McDonald doou 5 milhões de dólares, aumentando o total para 20 milhões. Nem Joan Kroc nem a instituição de caridade admitiram, porém, ter feito as doações.

Com o passar das semanas, alguns sinais de normalidade começaram a voltar a Grand Forks. Ao longo da catástrofe, poucos tinham sido mais dedicados do que os estudantes secundários que trabalharam noite e dia na *Central de Sacos de Areia*. Em



© JOHN STENNES/GRAND FORKS HERALD

Martha— “Não imaginamos quão profundamente o coração pode ser ferido.”



© LAYNE KENNEDY

Líderes Comunitários— Os prefeitos das duas cidades enfrentaram o maior desafio de suas vidas: a luta contra o Rio Vermelho.

conseqüência disso, muitos tinham deixado de desfrutar alguns dos momentos mais importantes de sua juventude.

Depois de muita discussão na comunidade, os oficiais no comando da Base Aérea de Grand Forks concordaram em fazer algo a respeito. Anunciou-se que precisavam de voluntários para organizar um espetacular baile de formatura. Uma das doações mais encantadoras foi a de 450 deslumbrantes vestidos de baile enviados por pessoas de todas as partes do país. Em 28 de junho, 1.200 estudantes das escolas secundárias de Grand Forks tiveram uma noite inesquecível no gi-

gantesco hangar que servira como abrigo para mais de 3 mil flagelados da enchente.

Embora o hangar estivesse enfeitado com fitas, bandeirolas e flores, a decoração mais significativa podia ser vista por todo o salão: o humilde saco de areia adornado com ramos de plantas.

“Quando entrei aqui ontem à noite”, disse a prefeita Owens, “percebi que estávamos voltando ao normal.”

Um ano após a enchente, o reconhecimento de um dos esforços mais heróicos veio em forma do Prêmio Pulitzer por Serviços Públicos, concedido ao *Herald* de Grand Forks pela “cobertura que ajudou a man-

ter a comunidade unida” em meio à devastação da enchente.

Com o passar dos meses, os vestígios da destruidora passagem das águas foram gradualmente apagados. Mas uma pungente recordação de seu terrível poder permanece. Em McCauleyville, pequena cidade de Minnesota, Pam e Tori Wagner estão sepultadas a cerca de três quilômetros do local onde morreram. A lápide refere-se também a uma criança que não chegou a nascer. Cem metros além o Rio Vermelho serpeia gentilmente, corroendo as profundas margens que talhou.

Foi nesse mesmo solo que ho-

mens e mulheres audaciosos se estabeleceram, aprendendo a resistir às nevascas que atingem essa terra, assim como aos caprichos do tempestuoso rio. Quando Pam Wagner lutou contra o rio naquela noite e perdeu, ela e a filha tomaram seu lugar no coral de lembranças alimentado todas as primaveras pela cheia do rio.

Pam e Tori Wagner não serão esquecidas por seus entes amados. Mas o que vai permanecer nos livros de História pelos séculos futuros é o milagre de tão poucos terem partilhado de seu destino na pior enchente desse velho rio.

TÁTICAS DE MARKETING



Eis algumas sugestões para contra-atacar vendedores por telemarketing – deixando-os tão alucinados quanto você.

1. Se o vendedor começar dizendo “Como está passando?”, eis uma boa resposta: “Que bom que você perguntou, pois hoje em dia ninguém parece se interessar por isso. Minha ciática está me incomodando, minhas pálpebras doem e meu cachorro acabou de morrer...”

2. Depois que a pessoa se identificar, peça que solete o nome e sobrenome. A seguir peça que solete o nome da firma. Depois pergunte onde fica a companhia. Finalmente peça que repita tudo.

3. Se o vendedor for do sexo oposto, escute a conversa, depois peça que ele ou ela se case com você. No silêncio que se seguir, diga que nem por sonho daria o número do cartão de crédito a um estranho.

4. Assim que começar o papo do vendedor, grite o mais alto possível: “Ah, meu Deus!” e desligue.

5. Diga ao vendedor que está ocupado, mas terá prazer em ligar para ele. Quando ele disser que isso é contra as normas da companhia (todos dirão isso), peça o telefone da residência dele. Isso encerrará o telefonema mais depressa do que qualquer outra tática.

—LOU FERRARO, citado por Bob Levey no *Washington Post*